

DUAS ENTREVISTAS COM LACOUÉ-LABARTHE: EM TORNO DE HEIDEGGER

Bruno Tackels

Trata-se da segunda e da terceira emissões (de um total de cinco), realizadas com Bruno Tackels, e transmitidas respectivamente nos dias 20 e 21 de abril de 2004, na rádio France Culture. Programa: À Voix nue.

"Um crítico de Heidegger: o choque de um encontro"

BT – Hoje conversei com Philippe Lacoue-Labarthe. Depois da narrativa de uma vida vista através de suas amigas fundadoras, as conversas a seguir vão tentar fazer o retrato de um filósofo que jamais deixou de desconfiar da filosofia e dos retratos confortadores que ela nos envia. O encontro com o pensamento de Martin Heidegger parece mesmo ser a fonte deste questionamento da filosofia por ela própria. Um encontro que, para Philippe Lacoue-Labarthe, se desdobra em um outro choque, este também decisivo, a descoberta do engajamento político de Martin Heidegger, desde 1933, em favor do nacional-socialismo. Engajamento que se traduz pelas responsabilidades de reitor da Universidade de Freiburg, Universidade que encontrará, segundo Heidegger, seu papel político motor graças ao novo regime que acabara de instaurar-se na Alemanha. Ou de que modo a filosofia restabelece seus laços com o desastrosos começo do filósofo-rei, da cidade ideal platônica. O pensamento de Philippe Lacoue-Labarthe encontrou-se portanto na tensão entre fascinação e repulsão, pulsão de vida e de morte, construção e destruição fortemente ligados. Sua leitura crítica da filosofia, desconstrutora, permanece fiel a esta ambivalência de um pensamento que se forja atijando as almas com sua própria danação. Sua reflexão sobre a arte é particularmente emblemática dessa lógica do *double bind*: a arte recrutada para salvar o povo, a poesia encarregada de encenar a origem grega. Philippe Lacoue-Labarthe lê Heidegger lendo Hölderlin, não se deixando por eles influenciar politicamente.

PLL – Sim, não é contra a filosofia, é, em oposição, como eu já disse ontem, ou seria, brincando um pouco com as palavras, uma forma de *protesto* face à filosofia, e, com efeito, houve um choque representado pela leitura de Heidegger.

BT – De que natureza, este choque?

PLL – Trata-se de um choque de natureza relativamente complexa. Ocorre que foi mais ou menos na mesma época que eu li – lembro-me muito bem, foi durante o verão de 1960 – os primeiros textos de Heidegger que pude ler, que foram os textos sobre Hölderlin, e, se não me engano, uma outra coletânea, talvez *Ensaios e Conferências*, ou algo assim, e que, tendo decidido mais ou menos estudar filosofia no ano letivo seguinte, no outono, começando a frequentar as aulas de [Gérard] Granel,¹ que falava muito de Heidegger, mas não só dele, como eu ainda estava em *khâgne*,² tinha passado meu primeiro concurso, e [Jean] Hyppolite já me havia dito: “vá estudar filosofia, você tem uma cabeça filosófica” – lembro-me muito bem dessa frase dele – comecei a frequentar a biblioteca de filosofia.³ E aí eu descubro, era uma biblioteca de departamento, uma pequena biblioteca, mas havia famosos números da [revista] *Temps Modernes*, publicados depois da guerra, em [19]46 ou [19]47, já não sei mais exatamente, sobre o “caso Heidegger”, contendo, particularmente, um artigo de Eric Weil, no qual eu venho a saber, de repente, que o Heidegger que eu havia lido durante o verão anterior havia sido nazista. Portanto, o choque foi, pelo menos, duplo.

BT – Um choque filosófico e um choque político.

PLL – Um choque político. Um choque estilístico também. Eu me lembro muito bem que, na época, eu devia ler assiduamente, graças a [Gérard] Genette,⁴ [a revista] *Les Lettres Nouvelles*, e que a última publicação de Heidegger havia sido anunciada como um exemplo de grande estilo. Não sei quem foi que assinou esse artigo. Diziam que era um estilo magnífico, eu li o texto em questão, já que se tratava de uma coletânea de ensaios, depois de ter lido esse artigo das *Lettres Nouvelles*, e o que eu encontrei? Era o final de um texto muito conhecido que dizia que os traços deixados pelo pensador não são mais profundos do que os sulcos deixados pelos camponeses.⁵ Eu pensei: isso é coisa de um sub-Péguy, ou de um sub-Léon Bloy,⁶ em seus piores momentos; isso realmente é literatura de extrema direita que conhecemos muito bem na França: a terra, os camponeses, essas coisas todas. Eu fiquei horrorizado. Horrorizado. Mas ao mesmo tempo, eu continuava com as partes propriamente filosóficas dos textos de Heidegger, e sentia que nelas havia um verdadeiro pensamento, mas que eu ainda não entendia. É isso. Mas esse choque, na verdade, é triplo: há um choque filosófico, porque eu realmente percebo que o pensamento é imenso; há um choque bem negati-

vo estilístico, porque eu acho o estilo dele de escrever assustador; e há a descoberta e o choque político, porque, folheando este número de *Temps Modernes*, descobro que ele fora pró-nazista, ainda que ele tenha tomado uma certa distância. Fui progressivamente tomando conhecimento de que o tipo de licença que ele se deu, foi o mesmo tipo de licença tomada pela extrema, extrema direita alemã e pelos nacional-revolucionários do estilo [Ernst] Jünger, Carl Schmitt e alguns outros e que sua posição política é, de fato, um tanto temerária, salvo talvez relativamente à realidade do nazismo – e olhe lá. Quando eu digo realidade do nazismo, ele na verdade não quis falar muito sobre isso.

BT – Ele não quis falar muito sobre isso.

PLL – Não.

BT – Então, a partir deste triplo choque que acabou de relatar, o sr. começa, no fundo – o sr. me corrigiu agora mesmo – não é que o sr. começou a pensar contra Heidegger com Heidegger, mas antes, vou citá-lo: “Apesar de Heidegger mas por causa dele.”

PLL – Sim.

BT – E isso me parece ser uma fórmula extremamente programática de toda a sua exploração dos textos heideggerianos, “apesar de Heidegger mas por causa dele”.

PLL – Sim. Não vou voltar a falar desta fórmula, ela continua sendo minha. É preciso dizer também que na época dessas descobertas e desses choques eu lia muita literatura marxista. Por razões de formação mais de tipo familiar, de formação social, eu estava na oposição, estava em protesto, perturbado desde o episódio da Hungria, desde [19]56.⁷ Eu descobri [Maurice] Blanchot por ocasião de [19]58,⁸ das publicações [da revista] *14 juillet*, li isso na época, descobri [a revista] *Arguments*, descobri *Socialisme ou Barbarie*.⁹ Freqüentei, lembro-me muito bem, na casa dos sindicatos de Le Mans, um seminário interminável de [Cornelius] Castoriadis sobre a burocracia soviética muito instrutivo. Então eu entrei para a ultra-esquerda, continuei militando, continuei fazendo revistas efêmeras em Bordeaux quando estava em *khâgne*, e enquanto era estudante. E depois houve os contatos com os Situacionistas, com [Guy] Debord, mas eu não podia me dizer marxista do ponto de vista filosófico, isso era impossível. E o pior foi que era a época em que todas as

edições de Marx eram edições sociais, eram edições de partido, todas imbuídas, nem que fosse nas notas de rodapé, no estilo de tradução, de leninismo, das deformações russas de Marx e eu não conseguia: o positivismo, o cientificismo, todas essas coisas, eu não conseguia assimilá-las. Então, eu não era filosoficamente marxista, mas estava politicamente próximo desses movimentos que viriam mais tarde a ser chamados, mais ou menos em conhecimento de causa, de ultra-esquerdistas. E eu estava dividido. Havia a leitura de Heidegger de um lado e eu pensava: “Isso é que é pensamento, é o pensamento,” aí eu tinha no que me confortar. Eu encontrei duas ou três vezes, nessa época, muito jovem, [Kostas] Axelos,¹⁰ por exemplo. Bom, ele talvez falasse demais, mas ainda assim tinha uma visão bastante clara dessas coisas, e do outro lado havia o engajamento político, que coincidiu com a guerra da Argélia, com o fim da guerra da Argélia, uma certa ajuda ao FLN [*Front de Libération Nationale*], sem ilusões. Eu conheci [Jean-François] Lyotard também nessa época. Ele tinha uma hostilidade declarada, evidentemente, para com a U.R.S.S. Bom. Isso tudo faz com que eu sempre tenha oscilado entre uma posição – mas que atualmente me causa problemas – digamos, ultra-revolucionária, e uma admiração sem limites – e mais do que uma admiração – ou então uma *admiração*, no sentido latino do termo, pelo pensamento de alguém como Heidegger. Ou pelo pensamento de alguém como Benjamin, que não está tão distanciado assim do pensamento de Heidegger. Talvez voltemos a falar disso.

BT – Sim. Quando o sr. fala em admiração, muitas vezes fala também, logo depois, admiração e repulsa. Há algo insustentável no pensamento de Heidegger?

PLL – Sim, é algo que me faz empacar evidentemente.

BT – E o que seria isso então? Em algumas palavras, como poderíamos formular isso?

PLL – A tonalidade passadista, reacionária, a tolice, na verdade, diante da poesia, a reorganização de uma espécie de horizonte teológico-político-religioso – eu mantenho que Heidegger é um personagem religioso – a posição sacerdotal, a autoridade do pensamento, a estratégia para com os discípulos, a maneira de se desculpar depois da guerra. Tudo isso para mim é absolutamente odioso. Dito isto, o pensamento do ser é algo.

BT – “O pensamento do ser é algo”, falemos disso então, se pudermos. No fundo, que avanço imenso é este? O sr. já disse várias vezes que Heidegger é o maior pensador do século XX, é aquele que propõe o avanço mais singular neste século XX. Como poderíamos formalizá-lo?

PLL – Eu acho que, de certa forma, é muito simples. Foi alguém que, como Hegel, foi capaz de tomar para si toda a herança da filosofia – mistificando talvez alguns episódios anteriores, como os pré-socráticos – e de tirar dela uma questão que, apesar de ter sido central em toda a filosofia, jamais havia sido colocada como tal. E eu acho que há nisso um esforço de pensamento absolutamente extraordinário.

BT – Em outras palavras, ele teria rompido com a chamada “era da suspeita”, com as pessoas que desconfiavam da filosofia e de sua sistematização: Nietzsche, Freud, Marx; e, no fundo, depois dessa espécie de flutuação, esse momento de flutuação da filosofia, seria como uma retomada da filosofia, que estaria se repensando.

PLL – Sim, e se repensando em sua origem, ou seja, antes que ela tenha se tornado realmente filosofia. E foi isso que, de certa forma, me fascinou. Dito isto, digo que – desde Hegel, francamente, e para simplificar bastante – houve dois grandes pensadores ocidentais modernos. Modernos ou contemporâneos, pouco importa. Há Hegel como pensador da negatividade, no sentido transcendental do termo, e há Heidegger como pensador do ser. O resto foi programado. Estes dois é que me parecem ter sido a exceção, mas eu precisaria de muito tempo para mostrar de que maneira. Eu também não estaria de acordo com alguns de nossos contemporâneos, inclusive Blanchot, para quem a dialética, mal compreendida, é como um aparelho lógico formador de identidade, de positividade. Eu não acredito nisso de maneira alguma. Para mim, trata-se de um pensamento muito forte, muito poderoso, o da negatividade. E o pensamento do ser que, afinal de contas, é mais bem conhecido do que o de Hegel.

BT – Então, esse pensamento do ser de Heidegger, no fundo, o sr. pacientemente o analisou, atravessou, amadureceu, para tentar compreender o que nele e por ele tornaria possível o engajamento político. O grosso, o essencial de seu trabalho de leitura de Heidegger, partindo desse famoso triplo choque do qual falávamos, foi de tentar compreender, de um lado, que não se tratava de um acidente...

PLL – Não, de modo algum.

BT – Que não era independente...

PLL – Não.

BT – Mas que era perfeitamente conectado, articulado.

PLL – Sim.

BT – Pensamento do ser e engajamento político de extrema direita.

PLL – Sim, mas poderia ter sido conectado de maneira diversa. Ainda assim, eu não sei se tenho razão ao dizer isso. Bom, é manifesto que a grande tradição filosófica alemã, desde Lutero, engendrou posições radicais. Ou seja, vou citar [Max] Stirner, em um trecho sobre os alemães, que é absolutamente extraordinário, onde ele diz que os alemães são radicais, o que quer dizer, destruidores. Sim, eles destruíram. Ou destruíram a tradição teológica, católica, ou destruíram a tradição metafísica. Todos são filhos de pastores, como dizia Nietzsche, que fazia parte destes filhos de pastores. E eu diria o mesmo de Marx, que é luterano de formação, e essa formação é sentida em cada uma das linhas que ele escreve. Então isso pode dar – e é essa a pergunta que me faço hoje – ou uma posição ultra-revolucionária de esquerda, no limite mesmo anarquizante, mas que sempre corre o risco dos obstáculos do niilismo; ou então uma posição ultra-revolucionária de direita. Heidegger se inscreve nesta tradição; como Nietzsche, e alguns outros. Mas ele é bem mais revolucionário e bem mais à direita do que os nazistas. Isso é incontestável.

BT – Revolucionário e à direita.

PLL – Sim, sim.

BT – Para traduzi-lo filosoficamente, “destruidor”, mas com uma vontade de construção.

PLL – E de conservação. É o famoso motivo da “Revolução conservadora” na Alemanha, já que foram eles quem tematizaram a coisa, embora de resto ela também existisse na França e na Itália. Mas na Alemanha teve o peso de uma espécie de palavra de ordem ideológica geral, onde cabe de tudo, de Jünger a Heidegger, de [Ernst] Niekisch a [Alfred] Bäumler ou [Alfred] Rosenberg.¹¹ Acho que temos que ver as nuances no interior da chamada “Revolução conservadora”, o próprio Thomas Mann, em 1918, quando escreve

as *Observações de um apolítico...* Acho que isso existia, e que, de Herder, de Schelling, de Fichte, a Nietzsche e Buckhardt, chegando ao horror do século XX, encontramos essa corrente muito forte, oriunda do que eu chamaria de luteranismo revolucionário de direita, em oposição ao luteranismo revolucionário de esquerda, que seria o da Revolta camponesa, de Thomas Müntzer, [...] ¹² [ou seja], uma certa tradição judaica alemã e não luterana alemã. E é aí que eu começo a me fazer perguntas. Por que as passagens da extrema esquerda à extrema direita foram incrivelmente rápidas nos anos posteriores à guerra de [19]14-[19]18, nos anos [19]20-[19]30? [Georges] Sorel, [Pierre-Joseph] Proudhon tornam-se os padrinhos da revolução nacionalista, pessoas da extrema direita passam para a extrema esquerda. ¹³ Há formações tão aberrantes quanto a de Niekisch, por exemplo, chamada de nacional-bolchevismo, da qual são próximos pessoas como Jünger, Carl Schmitt ou até mesmo Heidegger. Tudo isso é uma confusão política absolutamente extraordinária, e, infelizmente – nos damos conta disso progressivamente, em todo caso eu me dei conta progressivamente – essa confusão continuou a reinar depois da guerra de [19]45, na segunda metade do século XX. Sempre em torno do motivo, que eu considero absolutamente central e incontornável do anti-semitismo. A circulação que ele teve na ultra-esquerda francesa, digamos, nos anos [19]60, e após [19]68, entre posições do tipo da de Debord e de edições como a da *Vieille Taupe*, ¹⁴ é medonha, porque dá a impressão de que está se repetindo o cenário dos anos [19]20, na Alemanha e na França. Ou na Itália.

BT – Então, depois desse “acerto de contas” com a filosofia, Philippe Lacoue-Labarthe, abordaremos amanhã o “acerto de contas” com as artes, onde o pensamento ao mesmo tempo dialoga e se confronta com a filosofia, mas pode encontrar também nas artes uma forma de salvação com relação a esse grande “programa do desastre”, no fundo, que o sr. acabou de evocar.

PLL – Sim, mas eu acho que nós não tivemos realmente um “acerto de contas” com a filosofia aqui. Eu desviei para a política, porque a minha abordagem da filosofia só pode ser política. De qualquer maneira, a abordagem da filosofia só pode ser política e inversamente...

BT – Aliás, falaremos de política depois, e eu acho que voltaremos a falar de Heidegger.

PLL – ... E isso data dos gregos, não se trata de uma novidade.

BT – Não está perto de terminar.

PLL – Não, não está perto de terminar. Simplesmente, eu gostaria de acrescentar o seguinte: o obstáculo que a filosofia opõe à adesão que se poderia ter a ela é um obstáculo essencialmente político a meu ver. Essencialmente. E, portanto, um obstáculo que se qualificaria – mas eu não estou com muita vontade de usar essa palavra hoje – de *ética*, principalmente porque ela foi objeto de uma espécie de gigantesca...

BT – Instrumentalização?

PLL – Sim, de um falatório. Mas ainda assim há algo que faz com que, diante da filosofia, as pessoas... comigo, pelo menos é assim: qualquer que seja a minha adesão a determinadas questões filosóficas, eu muitas vezes faço um movimento de recuo. “O que estão fazendo? O que estão dizendo? O que estão programando, sem querer programar o que quer que seja, ou querendo? O que eles estão encobrindo? O que estão deixando passar?” É isso.

BT – Este foi *À voix Nue*, com Bruno Tackels. Amanhã, continuaremos a dialogar a respeito de Martin Heidegger com Philippe Lacoue-Labarthe, e, notadamente, sobre o Heidegger pós-nacional-socialismo.

* * *

“Ultrapassar Heidegger”

BT – Hoje, converso com Philippe Lacoue-Labarthe. Vamos continuar a dialogar sobre Martin Heidegger, e, notadamente, sobre o Heidegger pós-nacional-socialismo, o Heidegger que tenta explicar-se. Disse ele: “O mundo do Deus cristão perdeu toda sua força de ação na história. Não fosse isso, teria sido possível a Primeira Guerra Mundial? E, antes de tudo, não fosse isso, a Segunda Guerra Mundial poderia ter sido tão-somente tornada possível?”¹⁵ Com essa frase, vemos Heidegger tentar acertar as contas com o nacional-socialismo, mas de modo totalmente insuficiente. Escandalosamente insuficiente, o sr. diz?

PLL – Frases assim, podemos encontrá-las às centenas na literatura pré-nazista, durante o período nazista e na literatura de justificação do engajamento, de desculpas.

BT – Mas podemos lê-la de modo diverso e ver inferir da frase que, se o mundo cristão não tivesse sido desmantelado, nem a Primeira nem a Segunda Guerra Mundial teriam ocorrido. Então, não poderíamos deduzir também que a religião – e é sobre isso que eu quero falar, relativamente ao motivo da religião – que a religião poderia ser uma espécie de salvaguarda que permite lutar contra o desastre político?

PLL – Pois é, mas é preciso ver também que, por trás dessa frase, há o seguinte: a religião é responsável pelo niilismo. Porque o comentário que Heidegger faz imediatamente consiste em dizer que o desmantelamento da religião é o desmantelamento da divisão entre um mundo supra-sensível e este mundo aqui, tratando-se, portanto, na verdade, do desmantelamento da metafísica. E quem transmitiu a metafísica? Foi o cristianismo. Conseqüentemente, o cristianismo é responsável por este desmantelamento. A acusação é muito grave. Eu não digo que ela seja falsa. Não digo que não haja, no cristianismo, pior do que um núcleo de niilismo, aliás o próprio núcleo do ateísmo moderno, por assim dizer, mas isso requer um grande aprofundamento. Mas eu acho também que quando Heidegger pronuncia essa frase depois da guerra, isso equivale a uma recondução da ideologia que era a sua antes, e que, por conseguinte, ele justifica.

BT – No fundo, tudo o que lhe acontece foi programado, não se trata de uma ruptura.

PLL – Programado ou não, mas eu não acho que o que há de mais profundo nele, de mais rigoroso, de mais poderoso, do ponto de vista do pensamento, a saber, o pensamento do ser, portanto o pensamento do nada, do *ne-ens*, do não-ente, mas que é, na verdade, todos os entes – eu não acredito que essa “*nadalogia*” [*néantologie*], como é batizada, ou como foi batizada, seja inteiramente programada pela filosofia ou pela metafísica passada. Eu acho que ele fez um trabalho minucioso dentro da filosofia e da metafísica para desvelar essa questão que sempre tinha estado encoberta. Aí está toda a sua grandeza filosófica. Agora, que ele tenha que ter lutado contra acusações como: “É o acabamento [*achèvement*] do pensamento niilista”, no contexto dos anos [19]20-[19]30, ou, na época, o conceito oriundo dos russos, como Dostoiévski, passando por Nietzsche, por alguns franceses também, como Paul Bourget – é isso mesmo – “decadência, niilismo, etc.” Que ele tenha que ter lutado para dizer: “Não confundam meu pensamento do nada com o niilismo”, quanto a isso acho que ele tinha razão: o pensamento dele não é, de modo algum, niilista.

BT – Não, não foi isso o que eu quis dizer.

PLL – Não, o que ele incrimina é o niilismo europeu. É sua versão do nietzscheísmo: algumas guerras vão se desencadear, são guerras ideológicas, são guerras metafísicas, são guerras filosóficas. O que é verdade, Nietzsche estava certo. E Heidegger diz: na verdade, o cristianismo é que é o responsável.

BT – Mas o que eu queria dizer ao afirmar que, no fundo, seu pensamento tinha sido programado, é que, na verdade ele continua sendo uma tentativa de encontrar a origem, de refundar a origem. É o que o sr. descreve em suas análises do nacional-socialismo mediado por Heidegger: que, no fundo, o grande gesto decisivo e o erro foi ter acreditado que era possível refundar.

PLL – Sim, é o motivo do recomeço do começo. Mas isso quer dizer, para ele, que o começo, na realidade, nunca ocorreu. Que o que começou não pertencia à ordem do começo. Que a origem não era originária. E a tarefa que ele se atribui, que é imensa, é a de começar, pura e simplesmente, de partir da origem. Eu acho que em sua ponta extrema, é um pensamento muito difícil da repetição necessária de um começo que não aconteceu na condição de começo real, efetivo. E...

BT – O começo grego.

PLL – Isso. E desse ponto de vista, evidentemente, há um abismo entre o que ele tentou fazer, o que ele pensou, e o que repetia, num sentido fraco, toda a tradição que eu chamo, para falar rapidamente, conservadora ou revolucionário-conservadora alemã do final do século XIX.

BT – Vamos voltar a suas análises do nacional-socialismo. Eu acho que há uma palavra-chave que o sr. evidenciou, notadamente com Jean-Luc Nancy, e que é como uma chave ou uma alavanca para entender o que aconteceu, esse impensável que aconteceu, o pensável apesar de tudo, que é o mito. É a idéia de que, retomando o título de seu pequeno *opus*: o nacional-socialismo é um mito, é o “mito nazista”, Philippe Lacoue-Labarthe?¹⁶

PLL – Sim, aqui, novamente, é preciso reconstituir toda uma relativamente longa história da saída do cristianismo, da saída propriamente alemã das luzes, portanto da crítica da religião. E mostrar como, por algumas passagens, como o romantismo, em grande parte, todos esses pensamentos foram fundados sobre a idéia de que o que se perdeu, na realidade – e isso é uma reação que só pode ser explicada pelo *cisma* alemão da reforma – tudo o que

aconteceu é devido ao desmantelamento do universo mítico. Isso também é um lugar-comum.

BT – E a que corresponde esse desmantelamento?

PLL – Ao nascimento do *logos*, da razão. Da *ratio*, em seguida, da *ratio* latina. Da “razão raciocinante” da *Aufklärung*, da “razão crítica”. Bom, é tudo isso que, na realidade, foi engendrado pelo cristianismo pelo fato de o cristianismo – e isso provavelmente não está errado, até certo ponto – de o cristianismo ser pensado – particularmente em sua versão luterana, sua versão anti-romana, em sua versão reformada – como um cristianismo desmistificador, cujo motivo principal é encontrado na teologia moderna, que Heidegger conhecia muito bem. Ele a ensinava, com [Rudolf] Bultmann, em Marbourg,¹⁷ o famoso motivo da “desmitologização” dos evangelhos do cristianismo. Voltar à letra dos evangelhos, estudar de novo os textos, fazer sua crítica, o que não deixa de ser uma operação do *logos* – entre nós seja dito, e Heidegger sabe disso – para encontrar o que não há de mitológico no cristianismo. O que faz a mais clara diferença, a mais franca diferença, entre o cristianismo e todas as formas de religião anteriores ou contemporâneas. Então, Heidegger está preso aí dentro. E ele escolhe. Ele escolhe manifestamente, muito rapidamente – é uma de suas maneiras de se demarcar do nazismo mais banal, do nacional-socialismo mais vulgar a seus olhos – ele escolhe tentar constituir – eu ia dizer reconstituir; não, constituir – uma espécie de mito para nós modernos, particularmente a partir de sua leitura da poesia e, em particular, a partir de sua leitura de Hölderlin. Ele faz de Hölderlin uma espécie de poeta fundador de “cultura”, uma palavra que ele teria detestado, de “civilização”, outra palavra latina que ele também teria detestado, de uma “idade nova do ser”, talvez, ou de uma idade do que já não pode mais ser chamado de *ser*, e que seria aberta – segundo velhas proposições encontradas em Schelling, encontradas em Hegel – que seria aberta pelo poema, o grande poema sendo a língua originária de um povo. Porque tudo, para ele, é pensado em termos de povo, em termos do que nós chamaríamos de nacionalidade.

BT – A partir de uma língua?

PLL – A partir de uma língua, fundamentalmente.

BT – Onde o recurso a Hölderlin.

PLL – É claro.

BT – Então, como poderia ser descrita essa mitologização por Hölderlin? Ela abre ou desenha qual paisagem política? Porque no fundo, é esta a idéia, é a idéia de que o poema abre o político.

PLL – Sim, abre. Heidegger repete – acho que em 1935, ou seja, logo depois de sua demissão da reitoria, portanto, desse início de ruptura, diríamos, com esta ala oficial do nacional-socialismo – Heidegger repete, como havia feito Schelling, como havia feito Hegel, um e outro em seus cursos de filosofia da arte ou de estética, ele sempre repete essa frase de Heródoto: “Foi Homero quem deu à Grécia os seus Deuses.” Bom. E esse começo não foi verdadeiramente o começo esperado, já que engendrou a metafísica. Portanto, se quisermos efetuar o começo, será preciso encontrar o poema que possa abrir uma possibilidade de história. Então, em Hölderlin, vamos buscar os motivos – eu uso uma distinção feita muito cedo por Benjamin, entre 1915 e 1920 –, o que se busca não é o *mitológico*, porque foi o mitológico que destruiu o começo grego, mas o *mítico*, as configurações míticas, as constelações míticas. E as encontramos em: “terra, céu; mortais, imortais,” “Pão e vinho”,¹⁸ uma espécie de reconstituição estranha, porque ao mesmo tempo ela lembra todos os estudos que havíamos feito sobre os cultos dionisíacos, sobre o mistério de Elêusis, enfim, a religiosidade profunda dos gregos, não sua religiosidade política superficial, não necessariamente Palas Atena, Zeus, etc., mas Dionísio. O tema de Dionísio, desde antes de Schelling, é um tema que percorre toda a filosofia alemã, então, o “Pão e o vinho,” o Baco de Hölderlin, o Dionísio de Nietzsche, o Dionísio contra o crucificado – o que quer dizer contra? – a recuperação de uma parte do mito cristão, tentando, ao mesmo tempo, completar à desmitologização do cristianismo, contra Roma. Bom, trata-se de um percurso e de um encaminhamento extremamente complicados, eu precisaria de muito tempo para descrevê-los, e descrevê-los minuciosamente. Seria necessário ter os textos aqui comigo, mas eu poderia fazê-lo.

BT – Aliás, o sr. o fez.

PLL – Sim, eu o fiz, em seminários, em cursos, tendo em mãos os textos de Schelling, com os textos de Nietzsche, com os textos de Hölderlin, com o uso que Heidegger fez destes textos. Aí vemos muito bem como se constrói ou tenta-se construir esse novo mito.

BT – Esse novo mito, extraído, oriundo de Hölderlin. No fundo, toda a análise que o sr. faz consiste em dizer que isso produziu catástrofes. Ou seja, isso poderia não tê-lo feito, mas isso produziu catástrofes. Estou me referin-

do particularmente à idéia segundo a qual a “colusão” entre o deus, o divino e o humano é o erro maior, a idéia de que homem e deus se confundem. E, no fundo, é um pouco isso que Heidegger tomou de Hölderlin, é, no fundo, a idéia de que, para dizê-lo com uma fórmula um pouco simples: que os homens poderiam se tomar por deuses. E esse erro trágico produz a catástrofe. Assim o sr. diz.

PLL – Sim, mas aqui não podemos dizer, francamente, que Heidegger seja vítima desta “colusão”, pois ele desconfiou dela. Eu sei, eu bem sei que ele recusou-se com uma certa obstinação a ler os textos teóricos de Hölderlin em geral, filosóficos, e, particularmente, os textos consagrados ao teatro, a Sófocles, à tragédia. Ele os cita de vez em quando, mas de longe, e ele jamais os analisou por si mesmos. Mas ele jamais mergulhou, ele jamais foi vítima do erro trágico no sentido entendido por Hölderlin. Pelo contrário, ele fez tudo o que pôde para delimitar, circunscrever o mais precisamente possível o humanismo, ou seja a novidade teológico-política moderna, tal qual. E para evitar o que ele chama, referindo-se, é claro, ao conceito grego, para evitar toda desmesura. Des-mesura.

BT – No entanto, foi isso que aconteceu.

PLL – Sim.

BT – Temos a impressão de que o esquema hölderliniano chega ao fim dele próprio, infelizmente, e desenrola de maneira absolutamente implacável essa cesura desastrosa, que leva ao extermínio.

PLL – Sim, mas aí Heidegger nunca quis ouvir falar disso, ele nem quis abrir seus olhos para isso. Na minha opinião, e é isso que é dramático. Enfim, quando eu digo dramático, é...

BT – O sr. escreveu páginas decisivas justamente sobre essa dramática maneira pela qual Heidegger, ao mesmo tempo, nomeou o extermínio depois da guerra. Mas nomeou de uma maneira um tanto mesquinha, poderíamos dizer, Philippe Lacoue-Labarthe?¹⁹

PLL – Sim, por um lado, ele tem razão de observar, por assim dizer, que o extermínio só foi possível por ter sido um fenômeno da técnica moderna, é claro.

BT – O que o diferencia de todos os outros extermínios. Aliás, o sr. foi re-preendido por dizer isso, mas é preciso dizer de maneira precisa e rigorosa

que *este* extermínio, dos judeus na Alemanha, não pertence à mesma ordem dos outros extermínios.

PLL – Não. A história está cheia de extermínios em massa. Na história européia também, entre os gregos, por exemplo. Houve massacres de populações inteiras que ocorreram de maneira sistemática, mulheres, crianças, toda espécie de descendência, isso sempre existiu.

BT – O Ocidente também foi assassino.

PLL – É claro. Mas essa forma de extermínio extremamente administrada, técnica, industrial em certos aspectos...

BT – E programada, como o sr. diz...

PLL – E programada. Programada, planejada, com um plano, uma coordenação, a famosa Conferência de Wannsee²⁰ não foi uma conferência em que se disse: “Então está bom, vamos matar os judeus” – isso de qualquer modo estava claro, era um dos objetivos principais do nacional-socialismo – a conferência serviu para dizer: “É assim que vamos fazê-lo”.

BT – E por estas razões, aqui.

PLL – Não basta fuzilá-los, está sendo difícil demais para nossos homens, está sendo insuportável. Os massacres com metralhadoras ou até mesmo com caminhões cujos escapamentos são colocados para dentro não são satisfatórios. É preciso encontrar meios racionais, eficazes, tecnicamente limpos para exterminar, para limpar a Europa de toda sua população “judia”.

BT – Meios estes que não seriam armas, como o sr. afirma.

PLL – Não. Não se trata de armas. Os meios são administrativos, policiais, mas são também os meios de transporte, são meios de extermínio, digamos, “limpos”, como as câmaras de gás, em seguida...

BT – Gás este que havia sido utilizado para outros fins, dizia-se que seria usado para matar piolhos.

PLL – Bom, mas isso, é claro, desde Kafka, sabe-se muito bem que tratar os judeus de *vermes* significa dizer que eles próprios se transformam em vermes, e que, conseqüentemente, os gases que serviam para eliminar os parasitas portadores de bactérias ou de potenciais doenças são os mesmos que de-

vem ser usados para eliminar estes vermes, estes parasitas que são os judeus da Europa. E trata-se de uma operação puramente técnica. Desse ponto de vista, quando Heidegger diz que [as câmaras de gás] são a mesma coisa que a agricultura motorizada, são a mesma coisa que a bomba de hidrogênio, são a mesma coisa que a organização dos bloqueios, das grandes fomes – é porque ele está pensando na situação da Alemanha e na crise de Berlim –, ele tem razão. Mas, ao mesmo tempo, isso é escandalosamente insuficiente, tendo em vista o que significa a “vontade de extermínio” dos judeus europeus.

BT – Então, em seus trabalhos, há também o nascimento de uma questão justamente sobre esse motivo: “os judeus”. O sr. diz que há uma inscrição, um programa dos meios de extermínio, e no nível acima deste há a inscrição do programa teórico, filosófico que justifica, que permite, que torna necessário, que autoriza esse extermínio, e que é, grosso modo, a idéia de pureza, a idéia de uma identidade idêntica a ela própria. Então, por que – vou fazer uma pergunta que já lhe foi feita mas eu vou fazer de novo – por que este *outro*, este *dejeito*, este *resto* que é preciso eliminar, por que dar a ele o nome de “os judeus”, quando se sabe que existiram *dejetos* de todos os tipos – e os campos [de concentração e extermínio na Alemanha nazista] são testemunhas disso, já que eram povoados por uma multiplicidade de populações. Então, será que a expressão “os judeus” basta?

PLL – O que o sr. quer dizer com “multiplicidade de populações”? Isso quer dizer que...

BT – Não havia só judeus nos campos.

PLL – Não, os ciganos também foram mortos nas câmaras de gás, assim como os homossexuais, os...

BT – Os comunistas...

PLL – Os comunistas eram os judeo-bolcheviques, na verdade. Isso é bem coerente. Na verdade há duas idéias, quer dizer, dois *ideologemas*, que se conjugam. Há o que poderíamos chamar grosseiramente de biológico-eugenismo da pureza *völkisch*, ou seja, na realidade, a pureza de um povo, a pureza racial, que faz com que deva ser eliminado tudo o que não pertença a essa pretendida pureza, a essa pretendida identidade. Há, então, dois povos nômades, ou com fama de nômades, ou duas populações, digamos com fama de nômades na Europa, que são os ciganos e os judeus, então vamos

eliminá-los. Bom. Da mesma forma, o desvio relativo à conduta sexual dita “normal” é sancionada. Pode-se muito bem ter uma SS, na qual a parte de homossexuais guerreiros – estou falando aqui de uma velha tradição guerreira, não-militar, guerreira – é importante; e, ao mesmo tempo, decretar que o homossexualismo é um horror e que os homossexuais devem ser eliminados. Bom. Tem isso, de um lado, e há, por outro lado, cruzando com isso, o velho anti-semitismo, que remonta ao antijudaísmo, a hostilidade à religião judaica, hostilidade esta que atravessa absolutamente toda a grande tradição filosófica alemã. É uma repreensão que se faz a Kant, por exemplo, no idealismo alemão, de ser “judeu demais”. É alguma coisa – este judaísmo – para a qual Hölderlin foi sensível, já Heidegger jamais cita a famosa frase que Hölderlin escreve a seu irmão: “Eu acho que Kant é o Moisés de nossa nação.”²¹ Essa é uma frase que ele “censurou” [*qu’il a caviardé* ²²], como se dizia na Rússia dos Czares. Então, esse antijudaísmo que é particularmente virulento na tradição luterana, é preciso que se diga, os textos antijudaicos, antijudeus – digo textos de teor religioso, teológico, escritos por Lutero – são textos de certa forma programadores – “que ralé é essa, que gente é essa que confunde juridismo com fé” – desse jeito, então, esse antijudaísmo reencontrou o biologismo higienista, o racialismo, por assim dizer, o racismo, simplesmente, e foi no cruzamento desses dois traçados ideológicos que o extermínio pôde ser produzido.

BT – Então vimos que o nacional-socialismo tinha uma relação muito forte com as artes, mas isso não quer dizer que as artes são necessariamente programadoras do pior. Podemos até mesmo dizer que, na sua pesquisa, e é isso que analisaremos amanhã, no fundo o sr. atribui muita importância às artes, depois de ter verificado até que ponto a poesia, particularmente a de Hölderlin, foi capaz de abrir ao pior, através de uma espécie de resistência, em que o sr., através das artes – e eu coloco a palavra no plural – tentou encontrar uma resposta, uma salvaguarda ou uma alteridade.

PLL – Sim, sem dúvida. Apesar de que eu acho que o nacional-socialismo é o que eu chamei também de nacional-estetismo.

BT – Voltaremos amanhã a esta noção de nacional-estetismo. Este foi *À voix Nue*, com Bruno Tackels. Conversei com Philippe Lacoue-Labarthe. Amanhã, teremos nosso quarto encontro, com a questão *Arte: destruição ou redenção*.

Tradução: *Nina de Melo*

Revisão técnica: *João Camillo Penna*

Notas

¹ Gérard Granel (1930-2000), filósofo, aluno de Jean Hyppolite, Jean Beaufret e Louis Althusser. Tradutor de Martin Heidegger, foi professor de filosofia na Universidade de Toulouse-Le-Mirail. (N. do E.)

² *Khâgne* é a forma coloquial genérica que designa os cursos preparatórios de dois anos para os concursos de admissão à Escola Normal Superior. Rigorosamente designa o segundo ano, enquanto o primeiro, *hypokhâgne*. Lacoue-Labarthe cursou *hypokhâgne* em Le Mans. (N. do E.)

³ Na Universidade de Bordeaux. (N. do E.)

⁴ Gérard Genette (1930 -), teórico da literatura, que renovou, a partir da abertura esboçada por Roland Barthes dentro do estruturalismo, o campo da crítica literária na França, no que se convencionou chamar a “nouvelle critique”. Fundador da Revista *Poétique*, com Tzvetan Todorov, e principal articulador da “narratologia”, na série de três volumes *Figures* (1966-1972). Foi membro do grupo *Socialismo ou Barbárie* (ver nota abaixo). Lacoue-Labarthe foi aluno de Genette em *hypokhâgne*. (N. do E.)

⁵ Trata-se de *Caminho do campo* [*Schöpferische Landschaften – Warum bleiben wir in der Provinz?*], de 1934. (N. do E.)

⁶ Charles Péguy e Léon Bloy são dois escritores, sobretudo romancistas e polemistas, católicos franceses da virada do século XIX para o XX. Péguy, além disso, foi militante socialista e *dreyfusard*, tendo se convertido ao catolicismo em 1908. A partir daí manifestou-se contra o progresso e contra a modernidade, fazendo das duas coisas uma crítica moralista. (N. do E.)

⁷ Trata-se da Revolução Húngara, uma das primeiras manifestações de crise do bloco soviético. (N. do E.)

⁸ Data da publicação do primeiro texto político de esquerda de Maurice Blachot (entre 1930-1940 ele escreveu artigos de direita), intitulado “Le refus” [A recusa], contra a tomada de poder de De Gaulle, na revista *14 juillet* (1958-1959). O artigo se encontra hoje em *Écrits politiques (1958-1993). Guerre d’Algerie, Mai 68, etc.*, pp. 11-12. (N. do E.)

⁹ *Socialisme ou barbarie* [*Socialismo ou barbárie*] é a organização revolucionária marxista e anti-stalinista, formada entre 1949 e 1967, em torno de Cornelius Castoriadis e Claude Lefort. O grupo edita uma revista homônima de 1949 a 1965. (N. do E.)

¹⁰ Filósofo, natural da Grécia, participou da resistência grega durante a segunda guerra mundial, e foi miitante durante a guerra civil grega. Preso e condenado à morte, fugiu e vive na França desde 1945, onde leciona filosofia na Sorbonne. Leitura obrigatória nos anos 1960, sua tese, “Marx, pensador da técnica”, articulava o marxismo ao pensamento heideggeriano. (N. do E.)

¹¹ A lista elencada aqui nomeia os principais interlocutores de Heidegger, da chamada “revolução conservadora”, em suas variantes à direita e à esquerda, desembocando em relações complexas com a “revolução nacional-socialista”, com gradções no que toca à militância partidária (junto ao NSDAP, i.e., o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães). Ernst Jünger, herói alemão da primeira guerra mundial, autor de romances apologéticos da guerra, como *Tempestades de aço* [*In Stahlgewittern*] (1920), e de obras teóricas, que incluem *O trabalhador* [*Der Arbeiter*] (1932), *Mobilização total* [*Die Totale Mobilmachung*]

(1934) e *Sobre a dor* [*Über den Schmerz*] (1934), a quem Heidegger dedicará o ensaio fundamental, e acerto final de contas com o nietszchianismo, ou com a parte dele que pudera ser apropriada pelo nazismo, “Sobre o problema do ser” (1955) (trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969]. Jünger nunca foi membro do partido e sempre manifestou em particular reservas a respeito; é em torno dele que se configura a “revolução conservadora”. Ernst Niekisch, representante do chamado nacional-bolchevismo, com afinidades com a União Soviética, anti-semita e partidário de um totalitarismo socialista-operário, será preso pela Gestapo e mantido em um campo de concentração de 1937 até o final da guerra. Alfred Bäumler, professor de filosofia na Universidade de Berlim entre 1933 e 1945 (as datas são reveladoras), é o principal responsável pela apropriação-tradução de Nietzsche para o nazismo, e da “mitificação” greco-germânica. Bäumler desempenhará o papel de filósofo maior do nacional-socialismo. Alfred Rosenberg, autor de *O mito do século XX* (1930), e da racialização anti-semita do mito nazista, principal ideólogo do nazismo, é um dos primeiros membros do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (1919). Bastante próximo de Hitler ele chegará desempenhar um cargo ministerial no Terceiro Reich. Será julgado e condenado à morte pelo Tribunal de Nuremberg em 1946. Para uma discussão detalhada, ver Lacoue-Labarthe, Philippe e Nancy, Jean-Luc. *O mito nazista*. (N. do E.)

¹² Inaudível.

¹³ A trajetória intelectual de Georges Sorel (1847-1922) ilustra perfeitamente bem o movimento de reviravolta de direita à esquerda e vice-versa descrito por Lacoue-Labarthe. Filósofo e sociólogo, teórico do sindicalismo-revolucionário, autor de *Reflexões sobre a violência* (1906), onde defendia a importância da formação do “mito da greve”, Sorel se aproxima, após o fracasso da greve dos correios em 1909, da *Action française*, movimento monarquista formado em torno de Charles Maurras, que defendia uma restauração monarquista. O símbolo da síntese será o *cercle Proudhon* (1911-1914), grupo de intelectuais que engajará os dois extremos de oposição à democracia liberal: a direita nacionalista, antiliberal e antiburguesa e a esquerda socialista e revolucionária, que cristaliza posições profascistas. (N. do E.)

¹⁴ *La vieille taupe* é o nome de uma livraria fundada em 1965 em torno de membros do movimento de extrema esquerda, *Pouvoir Ouvrier*. Desde 1978, um de seus membros fundadores, Pierre Guillaume, começa a apoiar abertamente o negacionista Robert Faurrisson, reedita em uma nova encarnação da *Viellie Taupe*, agora como editora, um livro negacionista de Paul Rassinier. A partir de 1990 a editora se dedica a publicar livros de extrema-direita. (N. do E.)

¹⁵ Heidegger, Martin. “Le rectorat 1933-1934. Faits et réflexions”. (N. do E.)

¹⁶ Referência à obra escrita em parceria com Jean-Luc Nancy, *O mito nazista*. (N. do E.)

¹⁷ Heidegger lecionou na Universidade de Marbourg entre 1923 e 1928, lá se aproximando do teólogo Rudolf Bultmann, cujos seminários sobre S. Paulo, assistiu em 1923-1924. (N. do E.)

¹⁸ “Terra, céu; mortais, imortais”, é o que Emmanuel Carneiro Leão traduz por “quadratura”, em um dos ensaios de Heidegger com maior carga mitificante, “A coisa” (pp. 150, 151). São os quatro “vivos” reunidos pela doação da jarra, a coisa (*das Ding*) escolhida por Heidegger para dizer a verdade do poema e da língua, na esteira de sua leitura de Hölderlin. “Pão e vinho” é uma das grandes elegias de Hölderlin, do período de 1800-1801. (N. do E.)

¹⁹ Em uma conferência sobre a técnica, em 1949, em Bremen, que desembocará no texto “A questão da técnica” (de 1954), Heidegger teria feito a sua única referência pública ao

extermínio dos judeus da Europa (na correspondência com seu ex-aluno Herbert Marcuse entre 1947-1948 o tema é discutido, mas não se trata de uma situação pública). Eis o trecho: “A agricultura é agora uma indústria alimentar motorizada, quanto à sua essência, a mesma coisa que fabricação de cadáveres nas câmeras de gás e nos campos de extermínio, a mesma coisa que o bloqueio e a redução do país à fome, a mesma coisa que a fabricação de bombas de hidrogênio.” *Apud* Lacoue-Labarthe, Philippe. *La fiction du politique*, p. 58. Cf. a discussão levantada por Lacoue-Labarthe neste livro, as “páginas decisivas” a que Bruno Tackels se refere aqui. O ensaio sobre a técnica encontra-se na edição brasileira de *Ensaio e conferências*. Para a correspondência com Marcuse, ver, Wolin, Richard (ed.) *The Heidegger Controversy: a critical reader*, pp. 152-164. (N. do E.)

²⁰ A Conferência de Wannsee, assim chamada pelo local onde ocorreu, em um solar luxuoso e bucólico, nos arredores de Berlim, realizou-se em 20 de janeiro de 1942, reunindo diversas seções da burocracia nazista, a nível ministerial, coordenados pelo SS-gruppenführer Reinhard Heydrich, para decidir o que se denominou em código administrativo, a “solução final para a questão judaica”. O que na prática significou a adoção de métodos de destruição em massa, propriamente industriais, para o extermínio dos judeus da Europa: as câmeras de gás. (N. do E.)

²¹ Carta de 1º de janeiro de 1799, que diz o seguinte: “Kant é o Moisés de nossa nação, ele a tirou de seu entorpecimento egípcio para conduzi-la ao deserto livre de sua especulação e trazer da montanha sagrada a Lei energética”. (Hölderlin. *Œuvres*, p. 690. N. do E.)

22 “Por metonímia [com *caviar*, “as ovas de esturjão”, o verbo “*caviarder*”] recebeu o sentido de ‘mancha negra que servia para tornar passagens indecifráveis’, por alusão a um procedimento praticado na Rússia sob Nicolau I.” (*Dicionário histórico da língua francesa*). (N. do E.)

Bibliografia

BLANCHOT, Maurice. *Écrits politiques (1958-1993). Guerre d’Algerie, Mai 68, etc.* Paris: Ed. Lignes/Léo Scheer, 2003.

HEIDDEGER, Martin. “A questão da técnica”. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

_____. “A coisa”. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: ed. Vozes, 2002, segunda edição.

_____. “Le rectorat 1933-1934. Faits et réflexions”. Trad. François Fédier. In *Le Débat* no. 27, 1983.

_____. *Caminho do campo [Schöpferische Landschaften – Warum bleiben wir in der Provinz?]*, de 1934. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Œuvres*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1967.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *La fiction du politique. Heidegger, l’art et la politique*. Paris: Christian Bourgois, 1987.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

WOLIN, Richard (ed.) *The Heidegger Controversy: a critical reader*. Cambridge: MIT Press, 1991.

Resumo: Duas entrevistas concedidas por Philippe Lacoue-Labarthe em 2004 à rádio France Culture, onde ele discute a sua formação intelectual, a sua descoberta de Heidegger, paralelamente à descoberta da relação de Heidegger com o nazismo. Lacoue-Labarthe situa o pensamento do ser na história da filosofia, destacando na tradição intelectual alemã a constituição de duas grandes linhagens políticas: uma conservadora e uma revolucionária, a partir do cisma do luteranismo, onde ele encontra também a gênese do antisemitismo contemporâneo.

Palavras-chave: Lacoue-Labarthe; Heidegger; nacional-socialismo.

Abstract: Two interviews given by Philippe Lacoue-Labarthe in 2004 at the France Culture radio station, in which he describes his intellectual formation, his discovery of Heidegger, parallel to his discovery of Heidegger's relationship with nazism. Lacoue-Labarthe situates the thinking of being in the history of philosophy, isolating in German's intellectual tradition the constitution of two great political lineages: a conservative and a revolutionary one, springing from the Luteran schism, where he finds as well the genesis of contemporary antisemitism.

Key-words: Lacoue-Labarthe; Heidegger; National Socialism.